

Questão 1: O ensino de literatura de longe reduz-se a mera leitura descon-
premissada de histórias desatreladas de seu contexto histórico, político, ideológico
e social. O fazer literário sempre vai mostrar um recorte temporal e espacial que
brança o leitor a compreender o lugar social do escritor/a-leitor e também
as escolhas linguísticas que colocariam a obra em lugar de destaque ou na perife-
ria literária. Leonardo Boff, no livro *A água e a galinha*, expressa muito bem
essa premissa: todo ponto de vista é a vista de um ponto, quem lê, lê de seu
lugar social, lê do lugar onde os pés pisam, por isso a invisibilização e ni-
lificação de certos textos construídos fora do lugar de uma sociedade dita
"sociedade maior" e efetivada em uma "língua menor", conceitos que Roland
Barthes desmarche em sua aula inaugural no Colégio de France.

Com efeito, a literatura africana de língua portuguesa não está escri-
ta em uma "língua menor", mas está registrada na língua do colonizador
(com as devidas variedades) e que portanto tem toda legitimidade de tam-
bém fazer parte dos currículos tanto no ensino superior quanto no ensino
básico.

No Brasil, a literatura africana de língua portuguesa (doravante
LALP) teve sua primeira entrada por meio dos cursos de graduação,
os quais introduziam alguns autores africanos em disciplinas de li-
teratura portuguesa. Mas foi a partir da oferta de disciplinas espe-
cíficas de LALP em universidades como UFRJ, USP, UNB etc. que essa
literatura pode se exprimir para o ensino médio, há pouco mais
de dez anos. Foi, portanto, a partir do ensino superior que se obser-
vou a importância de se qualificar profissionais com vistas a ensi-
nar literatura africana com o mesmo status de outras literaturas,
sobretudo para que os pés do alumnado brasileiro toquem o chão do
lugar social dos escritores de LALP.

Questão 2: Não importa a teoria utilizada para descrever o português e
elaborar didáticas para ensino: item, avanço do estruturalismo, morfologia
distribuída do gramaticismo ou morfologia construcionista da GCBU, insu-
avelmente os dois grandes temas da morfologia, quais sejam: flexão e derivação

perpassarão pelo tema das raízes africanas pelo fato de a formação da sociedade brasileira ter ~~na~~ incorporado os escravos vindos da África, como língua e sociedade são indissociáveis, literatura e língua seguem o mesmo raciocínio. Falar sobre estrutura e formação de palavras nos moldes tradicionais: radicais gregos e latinos; raiz, tema, vogal temática, prefixo, sufixo, em algum momento não funcionam bem quando surgem palavras como: quidjal, maraumba, mandioca, pois essas palavras não fazem parte do inventário oriundo do latim ou grego, mas de uma mistura de português e línguas africanas. Deste modo, o ensino de LALP poderia ser um importante aliado na introdução de tema da formação do português brasileiro, bem como no conhecimento do crioulo, pidgin, pois a literatura, além de revelar um universo simbólico de imaginário dos escritores africanos, permitirá conhecer a pátria de Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde etc. Ilustraria, por exemplo, ao mesmo tempo o sentimento deslocador/esperancoso dos caboverdeanos que vivem fora de Cabo Verde e que sonham em retornar para sua pátria, sentimento mais bem traduzido pelas mornas e coláderas cantadas por Cesária Évora em um típico crioulo do seu país. Sob essa perspectiva, aprende-se a língua, rima, a poesia e ao mesmo tempo torna-se consciência de um crioulo, mistura de português com uma língua africana.

Questão 3: O texto literário difere de outros textos por possuir o que Roland Barthes chama de força salvadora. Essa força consegue burlar o reflexo estereotipado da língua e, de maneira independente, livrar-se dos tentáculos do discurso que ~~g~~o, o qual está fadado a dizer apenas o que a semântica comportada permite dizer. Essa força literária que faz os signos girarem é o que faz um simples verso ou uma narrativa nos revelarem uma parte do mundo que uma visão denotativa não conseguem mostrar.

Um eu-lírico ou um personagem de uma história construídos com base nessa força literária satisfazem ~~na~~ a necessidade humana de dizer e ouvir e ver um fato ~~co~~ntingente nos moldes metafóricos que captam uma parte da língua que é anárquica em detrimento dos sentidos raciocinatórios. Portanto, todo esse esforço

da literatura para trazer para o presente o que está ausente dos sentidos, pois a própria língua é presença. O caráter arbitrário e convencional da língua a torna imprópria, uma vez que tudo o que se diz sobre qualquer elemento material ou imaterial não passa de representações com base nas idiosincrasias ~~de~~ quem diz. Desse modo, a força literária a que Roland Barthes se refere em Aula é a mesma que constitui o texto literário em dimensão e sentido.